



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CARMEM LILIA DA CUNHA FARO**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-637

**Entrevistada:** Carmem Lilia da Cunha Faro

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

**Entrevistadora:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Data da entrevista:** 19/11/2015

**Transcrição:** William Gomes

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Goellner

**Total de gravação:** 50 minutos e 20 segundos

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção na recreação; Aproximação com a Educação Física; Vida universitária; Aprendizado com políticas públicas; Atuação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Trabalho nas formações; Preparação e a metodologias para as formações; Experiência na formação continuada; Impacto da formação continuada em esporte e lazer.

Belo Horizonte, 19 de novembro de 2015. Entrevista com Carmem Lilia da Cunha Faro a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz, Luiza Aguiar dos Anjos e Rejane Penna Rodrigues, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Primeiramente muito obrigado por ceder o seu tempo nesse dia corrido para conversar com a gente, queria que você começasse nos contando sobre a sua formação.

C.L. – Desde o início, né. É assim, acho que a minha vida ela foi toda voltada para a Educação Física, para o esporte, para a recreação, até porque na minha época não se falava em lazer. Eu comecei como atleta, quando criança eu participava das demonstrações de ginástica dos grupos escolares já no primário, e aí no ginásio eu participava das demonstrações de ginástica, dos jogos. É, eu não sei se é dessa formação, tem problema? E assim, era também nesse período que eu fazia o ginásio, o científico, eu era bandeirante, e nos movimentos bandeirantes a gente vai para acampamento, monta acampamento e tem muita recreação e eu era sempre envolvida nesse sentido. Depois no científico, no ginásio, e aí para onde eu fui? Para o curso de Educação Física e com toda essa... Tinha uma como é que se diz, uma imbricação muito forte, com a relação com o esporte, com a recreação e, mas antes de ir para a Educação Física eu já era professora pro laborista porque não tinha cursos de Educação Física em Belém em 1969. Começou em 1970 só... Eu fazia o científico e já era professora do estado, por quê? Porque eu era atleta, porque eu tinha sido atleta. Eu fui fazendo os cursos no SESC<sup>1</sup> de recreação. Eu trabalhava com as crianças a recreação, e num certo momento, claro, eu fui fazer Educação Física. Em 1973 eu já estava, em 1974, eu já trabalhava isso, fui para o curso de Educação Física e continuando, trabalhando com a recreação, técnica de ginástica rítmica. Começou a surgir também minha atuação como técnica de ginástica olímpica. Entrando na faculdade continuei com o esporte, continuei com as aulas de Educação Física e sempre de primeira à quarta série e sempre recreação. Já no primeiro grau essa relação do desportivo generalizada que a gente sempre trabalhou essa relação com iniciação esportiva, o método esportivo foi surgindo ao longo do tempo. Eu fui me identificando com isso, quando foi em 1997 em Belém do Pará, eu trabalhava tudo isso em escola pública, surgiu o governo do Edmilson Rodrigues<sup>2</sup>, governo de esquerda e eu tinha amizade com as meninas, não era uma militante ferrenha

---

<sup>1</sup> Serviço Social do Comércio

<sup>2</sup> Nome sujeito a confirmação

mas eu já comungava com aqueles pensamentos, com aquelas ideias e eu era muito virada. Aí me convidaram para ser coordenadora de esporte e lazer da cidade, em Belém com o Edmilson. Inclusive eu conheço a Regiane<sup>3</sup> de lá, que fazia muita palestra. Era o início desse... A gente nunca vai poder negar isso, nunca, do que o governo de esquerda trouxe para gente estar avançando nessa relação do esporte e lazer para as cidades, este debate mesmo mais compromissado. Eu fui trabalhar lá e quando eu tinha as ações na cidade para a Prefeitura de Belém, e se começou a ouvir falar do PELC<sup>4</sup>. Como uma das cidades exitosas era a nossa, sempre tinha uma relação indireta: Belém, Porto Alegre foram as cidades que, antes de surgir isso no Ministério do Esporte, eles foram buscar dessas experiências. Então pessoas de Belém, algumas foram para lá, outras não foram, então tinha todo este vínculo. E as minhas colegas, eu digo as colegas, mas eram todas muito jovens, muito garotas e eu já era mais madura, mas eu fiquei sendo chefe delas e elas me ensinando cada vez mais nesse debate, nessa relação política. Eu não era muito politizada eu sabia que tinha que ser, pensar diferente. Em certo momento tiveram os Programas de Esporte e Lazer da Cidade, eu acho que fui pegando o acúmulo e, em um certo momento, começou a ter as formações. Eu me lembro que teve o projeto piloto em 2004 e foi a Zaira, a Zaira Fonseca<sup>5</sup> foi de Belém, e aí para saber como era em poucas cidades, onde é que tava acontecendo o PELC para fazer os lançamentos. E assim, nesse período escolhido, era aleatório, ou porque tu identificava, ou porque alguém te convidava. É era nesse sentido essa relação do esporte e lazer, as meninas me levaram para as experiências do esporte e lazer, já começando a fazer esse debate nacional devido a experiência que eu tinha na prática mesmo. Eu não tive uma leitura, assim dos referenciais teóricos, mas tinha muita formação, porque nunca deixou de ter também essa formação e eu também aprendi muito no governo. Nesse momento eu entro para a universidade e quando eu entro para a universidade no concurso, claro nesse período eu não precisava de mestrado, eu não precisava de doutorado, e eu entro com a especialização, eu fui ser professora de Fundamentos da Ginástica, como professora da universidade. Eu tive oportunidade de ouvir as professoras falando de recreação com os projetos político pedagógicos, que mudaram a nomenclatura, acho que também mudou a concepção, foi para lazer, e em um dado momento uma professora falou: “Tu não queres pegar a disciplina?” E eu: “Não, deixa eu primeiro vivenciar”. Eu tive o convite das meninas, elas já estavam viajando por

---

<sup>3</sup> Referência a gestão petista de 1997 a 2000 na Prefeitura Municipal de Belém.

<sup>4</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

alguns lugares e eu fui para Santarém no Pará, região do Pará e naquele momento eu ficava com receio de ir para outro lugar porque era debate. Eu tinha entrado na universidade e tinham muitos, muitos formadores que eram já da universidade, e eu ficava assim um pouco temida com o debate. Como eu posso dizer, um debate epistemológico, paradigmático, eu ficava preocupada, isso me levou para Santarém. E eu quero te dizer que foi muito bacana, claro que eu fui aos poucos, então, nunca deixei de... Que também o Marcelino<sup>6</sup> fez muita formação em Belém, principalmente nos primeiros quatro anos do governo. Várias pessoas, como eu te falei, tinham a formação, uma hora pedagógica, as sextas-feiras a gente estudava com os professores da Educação Física e que a gente não sabe o porquê tinha que estudar naquele momento, parava para a estudar. Até às vezes mesmo eu, quando eu entrei, fiquei um pouco assim, mas eu entendi tudo aquilo que era formação mesmo, para melhorar o conhecimento. Eu acho que a gente se desenvolveu a partir da... Aliás, eu acredito que a partir da formação, que é o que eu posso te dizer, que depois de tantos anos como foi que eu evolui a partir das formações mesmo. Eu comecei a ser convidada e nesse momento eu fui para Santarém... Aí as meninas: “Olha tem outro convite agora, tem uma formação em Brasília”. Nesse momento os convênios ficavam assim, era como se fosse assim, a gente ia, conversava, fazia. Era assim: pegava as pessoas se identificavam, chegava do lado, e assim, indicação. A gente se oferecia para os convênios. Eu ficava receosa, eu comecei a ir para o Acre e um já falava para o outro nessas formações, eu comecei a ser convidada. Ia dando muito certo, eu fiquei nesse eixo, Acre, Amazonas, Pará, não saia dali até porque mantinha uma aproximação com essas pessoas. Eu também ficava um pouco mais receosa por causa dos conhecimentos dos elementos teóricos metodológicos. Eu comecei a ir para o Acre, eu ia para o Amazonas era assim tudo quanto era formação. Tinha aquela relação de quem escolhia eram os convênios, então, como eu ia para lá e era o PELC/PRONASCI<sup>7</sup>, era todas as idades, então, era nestes que eu trabalhava, que eu vivenciava as formações. Eu comecei a estudar, eu melhorei muito mesmo com os seminários, com as formações que foram proporcionadas, muitas formações, congressos. Esse momento mesmo de formação do Programa Esporte e Lazer na Cidade ele é muito rico, eu acho que um dos nortes do desenvolvimento humano é isto mesmo: como a gente melhora o nosso conhecimento, a gente leva também a melhora do conhecimento para as pessoas. Então foi assim, eu entrei

---

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>6</sup> Nelson Carvalho Marcellino

no governo que eu tive a oportunidade. As meninas disseram: “Olha vai ter uma formação”. Aí eu: “Mas como é para ir?”. Aí: “Escreve, liga, pede a passagem, diz que tu tens interesse”. Foi ai que me aproximei e fiquei nesses lugares, em vários municípios. No Amazonas a sede era sempre Manaus, mas era também em vários municípios e em todos esses eu tive formações inesquecíveis, que me marcaram. Uma que marcou mesmo foi a do Xavante<sup>8</sup>, é claro que um grupo tinha ido para o Waiwai<sup>9</sup>, mas quando eu vi o relatório não apontava a metodologia, porque tinha que trabalhar. Eu fiquei muito preocupada, mas foi um tempo... Eu fui convidada, eu até perguntava assim: “Por que será que eu fui convidada? Será que é porque eu sou do norte, eu aguento o tranco?” Sabe essas coisas assim, eu estou acostumada é uma vida muito mais dura e eu estou acostumada com essas pessoas. Mas eu fiquei feliz ao mesmo tempo, então, foi assim um mês e meio de preparação, porque até para que eu ligasse para CONAMI, porque era o CONAMI - o Conselho Nacional das Mulheres Indígenas - por quem eu fui convidada e assim eu disse: “Mas eu nunca trabalhei com índio, eu não sou indígena”. Apesar que meu marido trabalha há quarenta anos né, com indígenas; meu filho fez mestrado em indígenas, mas assim eu não tinha essa aproximação. Essa formação fez eu procurar muito, estudar, eu fui para o museu, inclusive até trouxe um livro agora sobre a vida dos xavantes porque eu tenho que escrever um artigo para entregar para professor Hélder<sup>10</sup>, um relato. Eu fui buscar livros na biblioteca, falava com as pessoas, eu tive um mês e meio, eu me dizia: “O que é programado? O que eu vou trabalhar com eles?” Aí eu: “O que é palpável? O que eu posso mesmo, né? O que será que vai ser, é real assim para eu trabalhar?” Então essa formação dos Xavantes, inclusive eles não falavam português, só poucos, tinha que ter tradutor; eles não falavam o português, era língua xavante mesmo. E assim como eu me envolvo com essa relação do povo, da dança, dos jogos, das brincadeiras, a vivência, é incorporado, me deu vontade de desistir, mas aí Rejane<sup>11</sup>, a Ana Elenara<sup>12</sup>... Eu fiquei pensando: “Por que será que vão me mandar para lá?” E assim, foi toda uma conversa, eu procurei também na internet, procurei em livros, então foi uma pesquisa mesmo, foram quase dois meses para poder acontecer essa formação. Se tivesse sido muito perto eu não teria tido essa coragem. E eu disse, dentro do método do Paulo Freire, foi um presente trabalhar. E aí o primeiro

---

<sup>7</sup> Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

<sup>8</sup> Tribo indígena brasileira.

<sup>9</sup> Tribo indígena brasileira.

<sup>10</sup> Hélder Ysaiama Ferreira.

<sup>11</sup> Rejane Penna Rodrigues.

impacto que eu olhei para eles assim, é: vai não sei quantas horas de avião, depois tu pega não sei quantas horas de ônibus, depois não sei quantas horas de... Aí chega em Nova Xavantina<sup>13</sup>, em Campinópolis<sup>14</sup> e até tu chegar num determinado local para tu ires pra aldeia. No primeiro momento nós ficamos perto de Campinópolis. De manhã a gente saía, ia na caçamba do caminhão... E assim você vai e iam alguns índios com a gente no carro, alguns indígenas, e assim, o carro, o pneu fincava na areia. Aí puxa o pneu e até a gente chegar lá eram duas horas para a gente chegar lá. E o primeiro impacto de quando eu cheguei lá e eu olhei o lugar para a gente ficar, embaixo da árvore, nos ficávamos embaixo da árvore, inclusive nós levamos nossos lanches. E tinham as irmãs salesianas mas a escola ficava longe, foi num pátio da escola e o primeiro impasse que eu te digo, que era só homens, só índio. Eu dizia: “Cadê as mulheres?”. Ficava olhando para um lado e para o outro. Homem rindo, sorrindo, brincando, jogando as pernas para cima e as mulheres todas tristes, fazendo a comida, sem as mulheres participar. A formação para os homens e assim eu procurei canto, procurei as danças, li os passos, muitas coisas tem a ver com a nossa, com a vida do norte, com os caboclos. Essas brincadeiras que a gente faz no dia-a-dia, de ir para o igarapé, coloca uma pessoa, coloca outra e tem um nome que foram eles... Dessa brincadeira de jogar água para cima tem os nomes, eles brincam com isso e, inclusive, teve a oportunidade... Ficava bem o igarapé passando nos fundos lá. Agora o que foi impactando o que eu digo... Eu levei umas pinturas, fiz um jogo de memória, eu fiz jogos com o que eu tinha conseguido ver sobre o meio ambiente, os números, as cores e, a partir disso, eu fiz as dinâmicas que a gente pode chamar jogos e brincadeiras para ver o que é que iria surgindo, o que é que a gente poderia avançar nesse sentido. Em uma reunião, antes da gente iniciar, eu falei com o cacique e quando ele viu que eu levei as pinturas, ele se emocionou. Eu falei das pinturas, eles nem sabia quase das pinturas, são várias pinturas. Eles têm aquelas, que é do urucu e ai usam quando eles estão usando uma bermuda vermelha ou então uma preta, tem essa relação das bermudas que aí eles pintam de urucu, agora me esqueci ou foi o jenipapo. Quando eles viram que aquelas é... Tem variados e eu acho que essa relação da gente conhecer, da gente procurar, que o Paulo Freire conheceu essa realidade. Eu acho que foi bacana porque ele disse: “Olha, ela sabe né?” Mas é claro que eu expliquei que eu fui buscar em livros, inclusive eu achei livros de escritores de 1948. Eu estou com estes livros, que me deram dicas, não teria como na atualidade saber o

---

<sup>12</sup> Ana Elenara da Silva Pintos.

<sup>13</sup> Município brasileiro.

que foi que estas pessoas escreveram e deixaram. Eu sei te dizer que funcionou, que foi muito gratificante. Por que eu te digo isso, claro, não tem uma avaliação escrita, porque eles não escreviam e não falavam, mas pelos gestos, pelo carinho... Eu ganhei um cesto, porque lá eles querem vender tudo, eu ganhei um cesto, até ganhei aquela gravata que eles usam. Uma das coisas que me chamou muita atenção porque eu tinha lido sobre o warã<sup>15</sup>, é que mulher nenhuma participa e a primeira mulher que eu vi participando foi a Rejane, participou com os caciques e a gente lá fora, tudo no escuro, aquela fogueira e os homens todos caciques falando ali do PELC na língua deles. O Cacique Jeremias, também o vereador, ele explicando e conversando, levou ela entrou no warã e nós ficamos todos fora para entender o que era aquilo, se os caciques iam aceitar o Programa Esporte e Lazer da Cidade. Porque às vezes a gente fica pensando tem tantas outras políticas não é, que a gente estava ali falando de esporte e lazer. E eu tinha também muitas interrogações na cabeça. Cinco horas da tarde tu vai ver eles estão dançando e vão para o futebol, já estão fazendo isso como é que a gente queria que eles fossem ser agentes? Já vimos a própria cultura como é que eles iriam situar ali nessa relação. Eu estava assim porque essa me marcou, porque tu tens um conhecimento prático que tu vais buscando, tu vai conseguindo deslanchar, vai conseguindo ver as demandas que tu vais construindo mas quando é uma coisa que tu tem as pessoas esperando, tem que acontecer, tem que dar certo, não é? Não quero dizer que deu certo, porque não foi, mas isso que eu levei para eles? Todos os jogos, jogo de memória, jogo de tarjas, a dança como é que... Claro que eles também já tinham essa prática da dança, eles se empolgaram, porque eu também dançava lá com eles. Os passos, quando era para fechar, e ai também a corrida de tora antes da gente iniciar e eles com as crianças mostrando. Eles mais vivenciaram a cultura deles do que eu fui lá para ensinar, não ensinei nada, eu só fiz buscar uma lembrança, de lembrá-los. Eu não sei te dizer se é a palavra “lembrá-los”, mas eu acho que as políticas públicas são para isso, para dar oportunidades de acessar... Claro eles tem uma cultura, mas a gente mesmo... O próprio contexto fala muito dessa relação que o indígena está globalizado, porque toma coca-cola, porque toma isso e aquilo outro. E aí? Eles não têm direito a ter outras coisas também? conhecer. Tem uma grande questão, para não perder a sua cultura... Inclusive no dia que nos chegamos, sabes que depois eu fui perceber isso, tinha uma iniciação dos adolescentes. Eles estavam saindo de uma determinada - não é oca, é outro nome - porque agora eu não

---

<sup>14</sup> Município brasileiro.

<sup>15</sup> Espaço central da aldeia indígena.

estou lembrada. Mas aí eu não entrei em detalhes porque eu era só uma... Eu estava fazendo outra coisa, não estava lá. Eles iam para a iniciação e depois que eu fui entender a relação com furar a orelha, uma brincadeira que as crianças tem de pegar, uma coisa e bater no outro, e tudo isso eu fui vivenciando com eles, fui vendo e foi um momento cultural muito importante. Depois nós voltamos na avaliação porque a gente quer fazer as coisas tudo igual mas às vezes totalmente diferente. Quando nós chegamos, eles tinham parado três meses porque o cacique Jeremias tinha ficado doente e ele estava em Brasília no hospital, então, aquela comunidade toda ou foi para lá acompanhar, ou ficou e quando nós chegamos nós reiniciamos, revitalizamos. Eu já levei outras possibilidades de ouvir, tinha o tradutor também... Uma relação muito forte que eu acredito que é relação com álcool, a baixa estima, então, tudo isso eu também levei no diagnóstico, no conhecimento da realidade. Eles se empolgaram quando eu levei um mapa do Brasil, um mapa de toda aquela região: “Olha, vocês estão bem aqui”. Sabe, eles foram ficando muito mais colaborativos comigo. Até ia me esquecer disso: eu levei essa relação de todo este material e levei tudo o que eu pude levar. Teve uma brincadeira que eu falei sobre meio ambiente também dessa relação do próprio espaço mesmo, fiz tipo uma brincadeira, falei: “Mas eu não sou médica, mas eu não sou desenhista, como é que eu vou falar algo sobre... Eu sou da Educação Física, como é que eu vou falar do tema que eles queriam...” Porque quando eu falava com a Samira<sup>16</sup> do CONAMI, ela dizia: “Fale sobre alcoolismo”. Aí eu dizia: “Como que eu vou falar?” Então eu também fiz jogos, fiz brincadeiras que cultuavam essa relação que é muito forte. Inclusive um dos agentes na segunda vez que eu fui deixou mesmo por causa dessa relação com o alcoolismo. Eu acho que essa contribuição foi muito importante, mas eu também tinha vivido muitas experiências. Fui fazer visitas em Belém, não sei quantos núcleos da prefeitura apesar de que, de um tempo para cá, não tem mais PELC. E eu acumulei bastante conhecimento e tenho tentado, de uma forma ou de outra, não deixando de não ter o eixo criador, do que é o PELC, do que é o Programa Esporte e Lazer da Cidade. O que quer dizer isso? O seu marco legal, as diretrizes, princípios, mas eu vou buscando outras coisas diferentes. Eu não saí da região norte, mas agora eu estou no nordeste, eu fui muito para o Piauí e eu tenho enfrentado lugares muito difíceis... Doze horas de ônibus, de caçamba, de ambulância mas eu acho que é a vontade deles, é a necessidade, é realidade. Eu tenho trabalhado tanto no Vida Saudável<sup>17</sup>, um ano agora eu

---

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>17</sup> Programa Vida Saudável.

fui para o primeiro PCT<sup>18</sup>, que foi quilombola na Comunidade Acauã no Piauí mas ainda estou começando também a fazer esse reconhecimento. Esse local fica muito distante onde eles vão ficar e saí já fiquei me perguntando: “Como é que vai ser esse acompanhamento, esse monitoramento?” Eu sou formadora a partir do edital e u não parei mais. Se eu for contar, uma vez por mês estou viajando e, às vezes, duas. Não é fácil, eu já fui professora de políticas públicas da Universidade da UEPA<sup>19</sup>, professora de lazer e isso é muito bacana porque agora estou fazendo Especialização em Lazer aqui na UFMG<sup>20</sup>. Eu acredito que o esporte e o lazer podem contribuir com mudanças com transformação. Porque como eu não sei mais como eu entrei, eu estou outra pessoa, com outros conhecimentos, e quando tens conhecimento tu argumenta, tu debate. E as formações, eu acho que é o que diferencia, os nossos programas.. Eu não sei se eu estou sendo muito vaidosa, muito prepotente... Tenho viajado bastante, estou agora no Vida Saudável, de vez em quando me chamam por aí e eu digo: “Não! Eu tenho que estudar para um coisa só”. E eu estou estudando envelhecimento, vida saudável e pior que agora todo mundo parece que quer dizer que a Educação Física ela vai salvar o mundo. Ninguém mais que ouvir outra coisa que não seja fazer exercício, atividade física, mas isso às vezes... Como é que constrói e desconstrói isso na formação, porque eles ouvem também falar e a gente vai para lugares que não tem formação de professores de Educação Física e, às vezes, não tem formação, quando tem é Pedagogia. É feita pelas pessoas que trabalham com a gente, quando eu estou falando dos municípios que eu vou. Não tem universidades ou faculdades próximas, é aquele povo ali que eu tenho que conviver, é aquele ali que eu discuto é aquele ali que eu construo, não é fácil não. Quando tu queres que entendam as coisas que tu vais falar, mas as pessoas não tem uma base para entender o que tu estás falando mesmo assim eles têm a Educação Física, todo mundo quer atividade física, todo mundo quer caminhada, alongamento e ginástica nos programas. Eu estou com uma preocupação sobre isso [risos] tenho viajado bastante eu estou, como te falei desde... Em 2006, 2007 foram me convidando e 2008 eu comecei; quando foi em 2010, que teve esse edital e entrei como formadora e não parei mais. Sobre estudar, discutir políticas públicas com pessoas que não tem acesso às vezes nem à vida; as pessoas têm dificuldade de não ter emprego nos municípios, como é que tu vais fazer isso? As pessoas, às vezes, querem outras coisas, como a música do Titãs: não é só

---

<sup>18</sup> Povos e comunidades tradicionais

<sup>19</sup> Universidade do Estado do Pará

<sup>20</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

comida, quer água, quer arte, mas ao mesmo tempo eles precisam também de algumas coisas.

L.A. – Boa, respondeu bastante coisa [risos]. Quais são as principais estratégias metodológicas nas formações que você organiza?

C.L. – Eu aprendi, que eu preciso conhecer a realidade. Quando eu não entro em contato direto com as pessoas - que eu gosto também muito de entrar em contato com o coordenador ou com alguém faz esse contato - eu vou para a internet que é mais fácil. Eu vejo onde é que fica, o mapa, o bairro, a cidade, o que tem, o que não tem. Eu acredito muito na educação popular, a gente deixou um pouco... Acho que a gente podia ter aprofundado mais. O conhecimento da realidade é isso que eu uso mesmo. Eu procuro saber quem são as pessoas, não para tu veres direto, mas eu converso... Eu uso isso, eu acho que educação popular de Paulo Freire que eu ainda não desvencilhei, eu aplico esse conhecimento principalmente para o módulo introdutório. Eu me preocupo bastante, eu pesquiso, eu acho que por ser da Educação Física... Porque eu tenho uma experiência, são quarenta e dois anos ininterruptos... Até quando eu sonhei com um cargo numa gestão de prefeitura eu não deixei de ser professora. Eu era da prefeitura, não era efetiva, então, era uma coisa passageira. Eu tinha que ficar lá dando aula somente na escola, depois que eu tive esta oportunidade de entrar na universidade. Eu penso que a relação com o corpo é fundamental na expressão corporal, não quer dizer que seja só expressão corporal, eu uso várias linguagens, o que tu poderes imaginar. A linguagem oral, a linguagem da expressão corporal, teatro, dança, e vou costurando isso, a escultura, desenho, pintura. Quando eu me ligo a alguma coisa, é isso. Não deixo de estar nas diretrizes, no princípio. Não deixo, de falar o que é o PELC, se tiver com o PELC; o que é o Vida Saudável e depois a gente começa a descortinar o que é o Vida Saudável, até que eles entendam. Eu não deixo isso nunca, mas eu também faço parte de dança, de dinâmicas. E assim eu vou buscando: brincadeiras, jogos, não deixo também de não levar nem que seja uma página, entendeu? Uma frase para interpretar. Claro que eu não vou levar textos para lugares que as pessoas tem pouco de conhecimento... As minhas metodologias elas são diversas. Eu desconstruo. Às vezes tu vais caindo na rotina, semanas, quando tu vês, tu estás fazendo a mesma coisa e aí quando tu percebe as pessoas estão te olhando assim, não é mais aquele olhar de: “Bbacana!” Eu também me preocupo, eu estou ali para construir, eu acho que é meu papel,

eu gosto muito de querer fazer diferente. Minhas metodologias eu debato: “Nós vamos trabalhar isso, o que vocês acham?” E também as pessoas falam do que eles querem, às vezes vai dando certo, às vezes eu tenho que ir naquele momento lá usar... Eu que digo assim que é o plano A, que é o plano B. Eu levo alguns livros mas às vezes eu não tenho nem internet. Um exemplo: fui passar um filme no Piauí, que é quarenta graus duas horas da tarde, um filme muito longo, então, vai dar sono, tu vais usando conforme a realidade. Eu vou me modificando, procurando aprender e te digo assim: não há lugares iguais por causa da pobreza, dos menos favorecidos economicamente que a gente consegue chegar. Eu procuro levar o melhor, eu levo as coisas mesmo, eu levo elástico, eu levo um material que eu vá fazer alguma coisa diferente que eu sei que não vão comprar. Eu organizo meu conhecimento, o que eu trabalho... Uma vez eu fui para Jaboatão dos Guararapes<sup>21</sup>, foi diferente essa formação, sabe por quê? Por que eles já estavam no PELC há mais de dez anos, trabalhavam os ciclos populares que é uma referência nacional. Aí eu digo: “Mas o que é que eu vou fazer lá?” Eu humildemente vou levar a coisa para esse povo e quando eu mandei a programação para eles, eles muito educadamente: “Olha pode mudar isso?” E nós fomos conversando. Eu tirei as minhas amarras, eu disse: “Vai ser trabalhosa”. Dito e feito: tive que me sentar e estudar... Eu dava uma linguagem, um desenho, uma paródia, teatro, dança, contação de história, toda essa relação que eu levei, onde é que está isso? E onde está isso na realidade aqui do município? Foi bem legal essa formação porque foi em outra realidade, foi em Pernambuco e eles têm uma larga experiência no PELC, de construção, também de governos populares. Eu dizia: “O que é que eu vou dizer para esse povo?” Eles sabem muito mais do que eu, vivenciam a realidade. Mas quando eu mandei a programação, teve o retorno, eles queriam outros conhecimentos, outra metodologia, mas assim, numa condição bem, bem amigável, bem afetuosa.

L.A. – E esse movimento de mandar a programação e eles darem o retorno, isso sempre acontece?

C.L. – Não, não. Eu acho que só das pessoas que estão mais, que tem um determinado estudo, que já ouviram falar sobre aquele determinado assunto, várias e várias vezes. Até porque tu sabes que a formação ela muito importante para o PELC. A formação mesmo dos agentes ou a formação continuada, ou até mesmo quando eles tem muitos núcleos que

---

<sup>21</sup> Município brasileiro do estado de Pernambuco

são convidados para ir para as formações que o Ministério proporciona, então, eles tem vindo. Eu não deixo também de conversar com eles sobre o que eles querem, perguntar alguma coisa sobre o que querem...

L. A. – Quais são os principais resultado que você observa ao final das formações que são feitas nos núcleos?

C. L. – Bem, eu tenho muitos. Muitos núcleos que eu já fui fazer formação tanto no módulo introdutório como na avaliação. Têm alguns lugares que tu te emocionas. Quando as pessoas estão envolvidas dá muito certo. Os depoimentos, as apresentações, aquela coisa assim: “Não pode terminar!”, “Não pode acabar!” E a gente a dizer: “Mas agora são vocês que vão assumir”. Isso também é bastante complicado a gente dizer isso para eles, mas a gente vem preparando desde a primeira vez que a gente vai e diz: “Olha, isso aqui é um edital, é uma emenda parlamentar, depois vocês vão ter que andar com os passos de vocês”. É complicado... Eu nunca me esqueço que na primeira vez, em uma das primeiras vezes que fiz formação, um rapaz se dirigiu para mim e disse assim: “Olha, Dona Carmen, eu quero lhe dizer que eu vou fazer faculdade de Educação Física porque tudo o que a senhora falou aqui me deu uma cutucada sabe”. E assim, é, vem essa transformação sim. Não posso ser tão vaidosa nem para dizer que são para todos mas tu ouve tanto para o impacto das pessoas que estão ali, das pessoas que participaram, das pessoas que estão participando. Eu acredito que essa transformação tem acontecido mas alguns depoimentos, o impacto mesmo, nas pessoas, na vida de pessoas, uma relação do que às vezes não tem outro emprego na cidade e até isso o PELC tem contribuído, que são aquelas pessoas que vão nisso. Enfim, eu tenho visto muito mais que tem dado certo, também estatisticamente nunca fiz isso, não fiz uma pesquisa cientificamente mas pela própria expressão das pessoas, como eles te recebem, com festa e adoro as comilanças é muito legal.

L. A. – Carmem, eu queria agradecer muito pela sua fala, seus relatos. Muito, obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]